

O LEITOR DE POESIA SEGUN- DO ENTREVISTAS COM VINTE POE- TAS BRASILEI- ROS CONTEMPO- RÂNEOS

*THE POETRY REA-
DER ACCORDING
TO INTERVIEWS
WITH TWENTY
CONTEMPORARY
BRAZILIAN POETS*

Igor R. Ahnert (Ufes)¹
Vitor Cei (Ufes)²

¹ Licenciado em Letras-Português e mestrando em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista Capes. E-mail: igorahnert_@outlook.com. <https://orcid.org/0009-0004-5599-9226>.

² Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado na Università degli Studi di Padova. Professor do Departamento de Línguas e Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: vitorcei@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6756-3236>.

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a perspectiva de vinte poetas brasileiros contemporâneos em relação ao público leitor de poesia, buscando identificar e comparar as diferentes percepções dos poetas sobre a recepção desse gênero literário nos dias atuais. Para isso, foram analisadas entrevistas concedidas pelos poetas, utilizando o método proposto por Jauss (1994), que se fundamenta na interação entre as perspectivas do escritor e do leitor, considerando tanto o contexto histórico de origem da obra, quanto sua revitalização através da resposta do leitor atual. Os resultados indicam divergências e convergências entre dois grupos de entrevistados: aqueles que concordam com os entrevistadores sobre a limitação do alcance da poesia em termos de público e aqueles que discordam, reconhecendo os impactos da internet e de outros meios nos quais a poesia circula em campo expandido, redimensionando assim a própria noção de poesia para outros campos e formas artísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Entrevistas literárias. Leitura de poesia. Poesia brasileira contemporânea.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the perspective of twenty contemporary Brazilian poets regarding the poetry readership, seeking to identify and compare the different perceptions of poets about the reception of this literary genre in current times. For this purpose, interviews granted by the poets were analyzed, using the method proposed by Jauss, which is based on the interaction between the perspectives of the writer and the reader, considering both the historical context of the work's origin and its revitalization through the response of the current reader. The results indicate divergences and convergences between two groups of interviewees: those who agree with the interviewers about the limitation of the reach of poetry in terms of audience and those who disagree, recognizing the impacts of the internet and other means through which poetry circulates, thus resizing the very notion of poetry for other fields and artistic forms.

KEYWORDS: Literary interviews. Poetry reading. Contemporary Brazilian poetry.

O objetivo geral deste trabalho é, considerando as respostas dadas nas entrevistas online estruturadas com vinte poetas brasileiros contemporâneos, publicadas no livro *Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas* (Cei, Pelinser, Malloy, Delmaschio, 2020), analisar o entendimento da perspectiva que os poetas entrevistados têm em relação ao público leitor de poesia, de modo a identificar e comparar os diferentes modos como os autores percebem a recepção desse gênero literário na atualidade.

Como objetivos específicos, almeja-se examinar a avaliação dos entrevistados em relação ao alcance e consumo da poesia na contemporaneidade, bem como verificar os impactos da internet, de outros meios, suportes e linguagens na difusão do gênero lírico no campo expandido da literatura contemporânea. Nesse campo, práticas não específicas desafiam uma noção de forma poética definida e pré-determinada, sugerindo a reinvenção das formas tradicionais sem, no entanto, descartá-las por completo.

Os vinte poetas entrevistados e que foram selecionados para compor o *corpus* deste estudo são Alberto Pucheu, Andressa Zoi Nathanailidis, Caê Guimarães, Casé Lontra Marques, Cesar Carvalho, Chacal, David Rocha, Elizeu Braga, Everton Almeida Barbosa, Maria Amélia Dalvi, Mariana Lage, Marina Moura, Mônica de Aquino, Pádua Fernandes, Paulo Roberto Sodré, Raimundo Carvalho, Rodrigo Caldeira, Rubens Vaz Cavalcante (Binho), W. B. Lemos (Esperando Leitor) e Wilberth Salgueiro (Bith).

Considerando que, como observou Rita Olivieri-Godet (2020) no prefácio do livro, a lista dos entrevistados incorpora tanto nomes já consagrados e legitimados pelo sistema literário

nacional, quanto um número significativo de escritores iniciantes, ou em processo de reconhecimento, cuja recepção das obras permanece circunscrita a um público restrito, o mapeamento efetuado amplia o horizonte de leitura das obras.

Nessa perspectiva, foram analisadas as respostas dadas, nas entrevistas, à pergunta que questiona mais diretamente acerca da percepção dos entrevistados sobre a recepção e alcance da poesia. Tendo passado por ajustes personalizados em cada uma das entrevistas, a pergunta mantém o seguinte teor: “No Brasil, a poesia tem um alcance limitado em termos de público. Como você vê essa questão?” (Cei, Pelinser, Malloy, Delmaschio, 2020, p. 25 *passim*).

Observamos que os poetas divergem no que diz respeito aos pressupostos da pergunta. Destacam-se, por um lado, aqueles respondentes que concordam com a premissa da questão, respaldados por uma visão pessimista da realidade brasileira no que tange ao alcance e ao consumo da poesia por um público leitor. Outros, no entanto, discordam e problematizam os pressupostos da pergunta, uma vez que reconhecem os impactos da internet e de outros meios em que a poesia circula e se faz presente na contemporaneidade, de forma que a própria noção de poesia, inicialmente proposta pela pergunta, é redimensionada a partir das múltiplas interpretações dos entrevistados.

Conscientes da imersão tanto de entrevistados, quanto de entrevistadores no epicentro do circuito autor/obra/público, intentamos uma leitura em perspectiva analítica e comparatista daquelas respostas que revelam o atual cenário brasileiro no que diz respeito ao gênero em questão, uma vez que os gêneros literários, à luz de sua pertinência teórica, funcionam “[...] como

um esquema de recepção, uma competência do leitor, confirmada e/ou contestada por todo texto novo num processo dinâmico” (Compagnon, 2006, p. 157).

Como em outras séries de entrevistas, alguns entrevistados “consideram que o escritor tem o papel de um intelectual público e gostam de debater suas ideias com as pessoas”, enquanto para outros “a entrevista pode ser um dos poucos meios de apresentar diretamente suas opiniões sobre o mundo ou de partilhar suas experiências com um grande público” (Koval, 2013, p. 12).

De acordo com Haydée Ribeiro Coelho (2021, p. 07-08), no prefácio de *Notícia da atual literatura brasileira II: entrevistas*, dentre as perguntas dirigidas aos escritores com o intuito de lançar luz sobre os seus processos criativos, suas opções estéticas e características marcantes de suas obras, que indicam perspectivas interpretativas, diversos caminhos descortinam-se: a cena da leitura e da escritura; a formação de um público; diversos meios e suportes de transmissão da literatura e da cultura de forma geral; diferentes recepções críticas no Brasil e em outras regiões; e o papel das instituições de cultura e de ensino na formação do leitor. Nessa linha diretriz, orientadora de perguntas e indagações, este estudo focaliza o tema da recepção e do alcance da poesia no Brasil a partir da visão dos entrevistados. Como o poeta contemporâneo vê o seu leitor?

Antoine Compagnon avalia que a teoria literária dedica um lugar muito variável ao leitor. De um lado, temos as abordagens que ignoram o leitor: a desconfiança em relação ao leitor foi uma atitude amplamente compartilhada nos Estudos Literários, marcando correntes críticas como o Formalismo e o Estruturalismo; de outro, são numerosas as abordagens teóricas

que valorizam a leitura, ou até mesmo a colocam em primeiro plano:

A análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta – *Wirkung*, em alemão, *response*, em inglês – ao texto considerado como estímulo. Os trabalhos desse gênero se repartem em duas grandes categorias: por um lado, os que dizem respeito à fenomenologia do ato individual de leitura (originalmente em Roman Ingarden, depois em Wolfgang Iser), por outro lado, aqueles que se interessam pela hermenêutica da resposta pública ao texto (em Gadamer e particularmente Hans Robert Jauss) (Compagnon, 2006, p. 148).

Diante da amplitude do tema, que exige a delimitação do escopo, este estudo procura se apropriar de determinados aspectos da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss (1994), adotando alguns de seus conceitos fundamentais e ressignificando outros, tendo em vista o entendimento da perspectiva que os poetas brasileiros da atualidade têm em relação ao público leitor (com ênfase na dimensão coletiva da leitura).

Como observou Fabíola Padilha, na apresentação do primeiro volume organizado por Cei, Pelinser, Malloy e Delmaschio, as entrevistas com escritores mobilizam um circuito onde proliferam e deambulam traços subjetivos compartilhados que dão contornos a um extenso painel que amalgama diversos temas afins:

[...] as dificuldades de publicação e de distribuição, a recepção da obra, a opinião sobre a produção dos pares, a contribuição de festivais e feiras literárias tanto para a divulgação do trabalho de novas escritoras e novos escritores como para o fomento à leitura no país, a importância dos prêmios literários

[...] a indagação acerca da influência da internet, a publicação em suportes digitais, o engajamento de escritores em redes sociais, a manutenção de blogs e o impacto das novas tecnologias no ato de criar (Padilha, 2020, p. 9).

Ao estudar as entrevistas, visando à perspectiva dos poetas sobre os leitores de poesia, é possível focar no envolvimento dos “horizontes de expectativas” dos autores e do público, uma vez que o conhecimento de mundo de um e de outro são ativados e conjugados ou contrastados no ato da leitura, “tendo em vista aspectos sociais, culturais e ideológicos de ambos” (Silva, Araújo, 2015, p. 114).

O conceito de “horizontes de expectativas” está principalmente associado à teoria da recepção de Hans Robert Jauss (1994). Seu método baseia-se na interação mútua das perspectivas do escritor e do leitor, considerando tanto o horizonte histórico de sua origem, quanto sua revitalização pela resposta do leitor no presente. Para o teórico alemão, o processo de leitura e interpretação de uma obra literária é moldado pelos horizontes de expectativas do leitor, os quais são influenciados pelo conjunto de ideias, crenças, valores e experiências compartilhadas no contexto cultural e histórico em que a obra foi produzida.

Este estudo procura se apropriar de determinados aspectos da Estética da Recepção de Jauss (1994, 2002), adotando alguns de seus conceitos fundamentais e ressignificando outros, tendo em vista o entendimento da perspectiva que os poetas brasileiros da atualidade têm em relação ao público leitor (com ênfase na dimensão coletiva da leitura). Jauss privilegia o leitor no ato interpretativo do texto literário, pois o sentido de qualquer obra literária só será efetivado ou concretizado quando o leitor o

legitimar como tal, relegando para plano secundário o trabalho do autor e o próprio texto criado. Nesse sentido, seria necessário descobrir qual o horizonte de expectativas que envolve uma obra, pois todos os leitores investem certas expectativas nos textos que leem em virtude de estarem condicionados por outras leituras já realizadas, sobretudo se pertencerem ao mesmo gênero literário.

O método de análise deste estudo é delineado na medida em que “a principal arma teórica de Jauss é o princípio da pergunta e resposta, definido metodologicamente como dialético (estabelece-se por meio do diálogo com o texto)” (Silva, Paz, 2014, p. 4). As entrevistas abordam a recepção da poesia e como o escritor vê o efeito por ela causado em escala nacional, reconstruindo o horizonte de expectativa original do autor, esclarecendo detalhes, elucidando conjecturas, localizando gênero na época de sua produção, as mudanças por que passou e que provocou e o modo como, da perspectiva do autor, foi assimilado pelos leitores no decorrer do tempo.

Também foram usadas as reflexões de Wolfgang Iser (1996, 1999), que problematizam a questão da permanência de normas clássicas na interpretação do fenômeno artístico. Os preceitos normativos tradicionais – que podem ser resumidos na obsoleta pergunta pelo sentido último do texto – só firmaram sua aplicabilidade interpretativa enquanto a própria obra de arte pretendeu ser uma representação das totalidades de uma época ou mesmo de uma verdade universal. Ainda que a exegese tradicional da obra literária, que tem por meta a descoberta do significado oculto da obra, já fosse bastante criticada por antecessores e contemporâneos de Iser, ela sobrevivia como norma predominante de interpretação. Em consequência, o efeito

do texto literário não era considerado como objeto de pesquisa.

Em contrapartida à noção tradicional de interpretação de texto, Iser (1996, 1999) propôs uma teoria do efeito estético, segundo a qual as significações produzíveis a partir de um enunciado verbal devem ser investigadas em função basicamente das repercussões, respostas ou reações de quem dela se aproxima (Borba, 2004, p. 138). Neste estudo, adaptando a teoria, é enfatizada a perspectiva dos autores sobre as repercussões da poesia. Desse modo, a explicação de texto tradicional dá lugar a um tipo de preocupação teórica que quer entender o próprio processo de autorrepresentação dos escritores sobre a leitura que tem sido feita do gênero literário em questão. Assim, refletimos sobre a relação intersubjetiva que o autor estabelece com o leitor.

A poesia contemporânea

Nos estudos contemporâneos da crítica literária de poesia, encontramos os subsídios necessários para compreender melhor o cenário brasileiro sob as perspectivas dos entrevistados. De acordo com Wilberth Salgueiro (2013), o panorama da poesia brasileira, desde 1980 até os dias atuais, é delineado por múltiplas linhas diretrivas que abordam temas, opções estéticas e o relacionamento entre obra, autor e leitor.

Cei, Pelinser e Malloy (2021, p. 14) endossam a visão de Salgueiro (2013) e acrescentam que, embora hoje não faça tanto sentido pensar em designações como “geração literária”, devido à fragmentação, que parece resultar em uma quase desorientação ou na multiplicação de direções temáticas, discursivas e estilísticas, as entrevistas permitem identificar certas linhas de força dominantes na contemporaneidade, uma vez que podem ser

analisadas como expressão subjetiva na definição de um “perfil biográfico”, “testemunho da vida literária-artística de uma época” ou “arquivo de criação do artista” (Cei, 2025, p. 7).

Dessa forma, cabe reavaliar o posicionamento da própria poesia que, por um lado, é percebida enquanto gênero literário marginal, isto é, de pouco alcance e, consequentemente, poucos leitores, mas que, por outro, é compreendida por uma visão daqueles “que acreditam que vivemos hoje, no Brasil, um período de vitalidade na poesia [...] do ponto de vista da qualidade daquilo que é produzido, do interesse crescente de leitores e editores pela poesia e do número cada vez maior de autores, coletivos e oficinas atuando no país” (Ribeiro, 2020).

Em diálogo com as investigações realizadas, é válido ressaltar o caráter metamórfico atribuído à poesia contemporânea que, para além da sua presença nos meios não tradicionais de circulação dada “a expansão da poesia digital e dos inumeráveis *blogs*, *facebook*s e *twitters* mundo afora” (Salgueiro, 2013, p. 17), pode ser entendida como aquilo que “designa tanto uma espécie de discurso, um gênero no seio das artes, ou uma qualidade que pode apresentar-se fora dessa espécie ou desse gênero, como pode estar ausente nas obras dessa espécie ou desse gênero” (Nancy *apud* Pessoa, 2015, p. 1). Dessa maneira, abre-se espaço a uma preocupação teórica que também visa a analisar e a refletir o entendimento dos entrevistados acerca de um gênero outrora dimensionado apenas por seguir “determinados padrões – sendo o principal a disposição em versos, em segmentos medidos” (Franchetti, 2013, p. 101).

A crítica literária, em especial a crítica de poesia, reserva um espaço singular no que diz respeito à produção de poesia

dos anos 1980 à atualidade. Embora a discussão sobre gêneros literários tenha como um de seus marcos os pressupostos definidos por Platão (2000), em *A República*, e, posteriormente, por Aristóteles (2008), em *Poética*, as problemáticas envolvidas no campo da genologia nunca foram esgotadas e se fazem pertinentes até hoje.

Por esse ângulo, a produção poética atual, a exemplo, caracterizada pela “ausência interna de perspectiva organizada dos fenômenos poéticos” (Siscar, 2010, p. 152) reflete a própria dinâmica de produção do contemporâneo, isto é, em linhas gerais, “a arte mais uma vez tenta paradoxalmente se renovar e se afirmar através da aposta numa expansão que implica simultaneamente a fragilização e a contaminação de suas especificidades” (Pedrosa *et. al*, 2018, p. 127).

Diante dessa renovação, é possível entender que o próprio texto literário, contaminado, atrelado aos recursos de áudio e vídeo, verbais ou não verbais, se manifesta de maneira a incorporar novas linguagens e assumir uma faceta que propõe novos desafios aos seus leitores. Por essa razão, “é preciso estar atento: há coisas interessantes, criativas, resistentes acontecendo ao nosso redor; há coletivos, associações, novas formas de circulação do literário” (Dalvi, 2020, p. 304).

Durante as análises do *corpus*, observa-se duas concepções de poesia: uma mais tradicional, do gênero literário publicado em livro, com recepção restrita e reduzida; outra mais ampla, aberta a outros suportes e mídias, de cunho mais popular ou massificado. Dessa forma, abre-se um espaço nesta discussão para melhor entendimento do que seria a poesia contemporânea e suas formas de manifestação e de que maneira, a partir da visão

dos entrevistados, a recepção da poesia também é impactada.

As respostas dos entrevistados à pergunta que orienta as análises deste trabalho, a exemplo, motivam, mais uma vez, pontuar a problemática contida na própria definição do que é poesia. Isso porque quando perguntados sobre a recepção desse gênero, as respostas destoam na medida em que os próprios poetas definem o que é poesia de forma singular ao elaborarem inúmeras associações do gênero propriamente literário com manifestações de outros campos artísticos. Nesse sentido, a recepção da poesia torna-se “Assunto dos mais controvertidos” (Moisés, 2013, p. 369), e o poema passa a ser “Palavra semanticamente instável” (Moisés, 2013, p. 365). Assim, pela visão dos escritores/escritoras, a poesia é redimensionada a partir da relação que o gênero lírico estabelece ao se fundir com outros elementos estéticos e poéticos.

O leitor de poesia na perspectiva dos poetas: análise das entrevistas

Quando perguntado sobre o alcance limitado da poesia em termos de público no Brasil, o poeta Chacal não discorda e pontua: “Poesia não é nada popular. É para poucos. Tem mais gente escrevendo que lendo”. Entretanto, pondera dizendo: “Mas é só botar uma melodia por trás e você tem um sucesso.” (Chacal, 2020, p. 112). Mostra-se também pessimista, a seu modo, o escritor Wilberth Salgueiro quando diz que “a poesia tem muito poucos leitores, mas demasiados autores” (Salgueiro, 2020, p. 465). Entretanto, assim como Chacal, pondera sobre a questão do alcance quando se alia poesia e música, pois “Pela música, [...] a poesia vai mais longe, alcança mais gente” (Salgueiro, 2020, p. 465).

Ao estabelecer um tipo de medida comparativa, o escritor Caê Guimarães reconhece que a poesia – “a prima mais pobre da prima pobre” (Guimarães, 2020, p. 93) – é menos lida do que a prosa. Nessa lógica, Guimarães também reconhece um grande número de escritores em relação ao público leitor e que “historicamente, no Brasil, a poesia chegou às mãos do grande público por meio das canções da MPB” (Guimarães, 2020, p. 93).

O escritor Raimundo Carvalho, por outro lado, discorda da afirmação contida na pergunta elaborada, pois é necessário, antes, definir “qual tipo de poesia tem alcance limitado em termos de público” (Carvalho, 2020, p. 382). Para o poeta, a poesia menos consumida é aquela tradicionalmente veiculada “em livro, poesia escrita, feita por poetas e para poetas, geralmente” (Carvalho, 2020, p. 382). A possibilidade de maior alcance ocorre apenas quando “poetas adquirem uma posição de destaque maior” e “sua produção é assimilada ao sistema educacional e vira matéria de estudo na escola básica e secundária” (Carvalho, 2020, p. 382). Porém, um fator que contribui para o alcance e recepção da poesia pelo público leitor, assim como pontua Chacal e Wilberth, consiste “na relevância da canção para a formação cultural da juventude urbana brasileira” através das “disputas de rimas dos rappers e o envolvimento do público nessas competições” (CARVALHO, 2020, p. 382), por exemplo.

Além dos entrevistados citados acima, outros escritores também relacionam a recepção da poesia às demais manifestações artísticas além do poema escrito em versos e publicado em livros físicos. Mônica de Aquino concorda com a premissa de que a poesia tem alcance limitado, entretanto, a escritora chama a atenção para a mescla de linguagens artísticas na produção

literária, isto é, “literatura expandida” (Aquino, 2020, p. 332), que é marca na produção poética contemporânea e que “A mistura de procedimentos de diferentes artes me chama a atenção, dentre elas a mescla da poesia com as artes plásticas” (Aquino, 2020, p. 332).

O escritor rondoniense Rubens Vaz Cavalcante corrobora a opinião de Aquino na medida em que vê a produção poética contemporânea como um “espaço para todas as tendências: as tradicionais, as continuadoras do modernismo e a poesia de invenção e experimentação” (Cavalcante, 2020, p. 423). Desse modo, o autor encara a recepção limitada da poesia como uma questão controversa, uma vez que “a poesia está impregnada na urbanidade que nos cerca: nas letras de alguns compositores, nos outdoors, nas propagandas, nos grafismos, nos grafites em prédios e muros etc.” (Cavalcante, 2020, p. 424), ou seja, nas palavras de Elizeu Braga (2020, p. 157): “a poesia é uma força que está na rua e também dentro de nós”.

Embora o alcance da poesia possa ser maximizado por essa propriedade de mescla entre o gênero lírico e as demais formas/manifestações artísticas, alguns dos entrevistados do *corpus* analisado arriscam em definir as possíveis barreiras que ainda limitam a chegada do texto literário ao seu destinatário, isto é, o leitor.

Quando questionada sobre o alcance da poesia, a escritora capixaba Andressa Zoi Nathanailidis consente com a afirmação contida na pergunta na medida em que revela que tal realidade “É algo que me entristece.” (Nathanailidis, 2020, p. 77). Nesse mesmo viés, consente o poeta capixaba Rodrigo Caldeira quando afirma que vê a questão do alcance limitado da poesia em termos

de público “com serenidade”, uma vez que, para o entrevistado, a limitação do alcance é consequência “de uma falta de cultura de leitura do que propriamente um problema de gênero literário” (Caldeira, 2020, p. 414).

David Rocha aponta para dois possíveis pontos no que tange à recepção: o primeiro é “a dificuldade de penetração da literatura no cotidiano das pessoas”, e o segundo sendo “a relevância da poesia” (Rocha, 2020, p. 138). Isso quer dizer que o escritor desconfia da importância e respeito no que concerne ao reconhecimento da poesia enquanto gênero literário; e a literatura, que de forma geral, não chega aos leitores quando comparada com as demais linguagens artísticas, estas por serem “mais acessíveis [...] e geralmente mais fáceis de serem absorvidas” (Rocha, 2020, p. 138).

O escritor Everton Almeida Barbosa vê como barreira para a difusão e recepção da poesia “a falta de educação para recepção da arte” e “a disputa de espaço com outras informações e produções com maior poder de divulgação e aceitação” (Barbosa, 2020, 195). Barbosa entende que a dinâmica de produção está atrelada diretamente ao consumo do que é rápido, imediato. Com isso, aquilo que é produzido e que necessita de “concentração, paciência e reflexão”, como a poesia, “não tem muito alcance de mercado” (Barbosa, 2020, p. 195). Nesse contexto, a produção e consumo do que é considerado entretenimento se dá como prioridade em detrimento do literário pelos leitores.

Concorda com Barbosa a escritora Mônica de Aquino. Segundo Aquino, a dinâmica do contemporâneo é marcada pelo “excesso de informação, relação superficial com o conhecimento, necessidade de estímulos constantes, de ‘alegria’ permanente

e rápida” e que o leitor, consequentemente, não demonstra “a disposição [...] de parar e se abrir para o que pede dedicação e compromisso, como a literatura” (Aquino, 2020, p. 335). Nessa lógica, o entretenimento ganha maior espaço e prioridade de consumo e que, por isso, “artistas e intelectuais perdem espaço nos debates de questões essenciais ao país, substituídos pelo imediatismo e pela lógica empresarial” (Aquino, 2020, p. 335).

Com relação à imersão do leitor diante da experiência, o escritor Paulo Roberto Sodré expande o que fora suscitado anteriormente. Sodré não vê o limitado alcance “exatamente como um problema da poesia”, mas sim, “de tudo e de todo produto cultural que demande tempo, sensibilidade e disposição das pessoas para, por meio deles, encararem questões que inevitavelmente colidem com sua zona de conforto psíquico, ético e ideológico” (Sodré, 2020, p. 369).

As problemáticas expostas desnudam pontos e opiniões bem próximos dos entrevistados. A partir das falas dos escritores e escritoras, é possível perceber uma mudança notória no panorama da recepção do texto literário na contemporaneidade, repleta de obstáculos que delineiam uma dinâmica de produção e consumo cada vez mais voltada ao entretenimento e ao efêmero.

Pela ótica desse panorama, os escritores Alberto Pucheu e Andressa Zoi Nathanailidis aludem à célebre fala de Antonio Cândido, em *O direito à literatura*, quando dizem que “A poesia deveria fazer parte da formação da pessoa, do cidadão” (Pucheu, 2020, p. 36), pois “Na medida em que exercitamos a literatura – seja como autores ou como leitores –, compreendemos melhor o nosso próprio meio, aprendemos a refletir, a questionar” (Nathanailidis, 2020, p. 76). Dessa forma, a literatura é

considerada pelos entrevistados como bem inalienável, capaz de exercer sua função de humanização que, nas palavras de Cândido, é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (Cândido, 2012, p. 23).

Frente ao distanciamento do leitor e considerando a importância da poesia – e literatura – nas entrevistas, identifica-se que os autores também sugerem soluções a fim de contornar a atual situação da recepção da poesia no país. A exemplo, de maneira otimista, a escritora Marina Moura acredita que as “pessoas gostam de poesia, a recebem bem”, entretanto, “Falta consumir” (Moura, 2020, p. 323). Para isso, Moura defende, além da “Educação para leitura, que pode ser promovida por escolas”, a necessidade de “criação de oportunidades de encontro do sujeito com uma literatura”, já que “existem pessoas que passam uma vida inteira sem esse contágio positivo da literatura” (Moura, 2020, p. 323).

A escritora Mariana Lage acredita que a dimensão que distancia o leitor da poesia possa ser descrita pela “relação que estabelecemos com a linguagem, sobretudo, a relação que nos ensinam a ter com a linguagem” (Lage, 2020, p. 313). Dessa forma, “Essa queda da linguagem no uso meramente técnico e/ou cartesiano, pautado pela objetividade e num falar que não gere sombra de dúvida, pode estar na raiz desse pouco acesso

ou pouco apreço pela poesia” (Lage, 2020, p. 313). De encontro ao pensamento de Lage, Pádua Fernandes completa dizendo que “o desafio de ser lido está ligado, evidentemente, à questão agudíssima do letramento no Brasil, cuja situação não melhora” (Fernandes, 2020, p. 352).

Assim, uma das ações necessárias que pode impactar o acesso do leitor à poesia, como sugere Elizeu Braga, é a mudança no “sistema educacional”, ou seja, “parar de ser um recrutador de zumbis, que vivem repetindo a ladainha da desesperança, as bibliotecas nas escolas tem de funcionar como um espaço de cultura, com oficinas de livros, rodas de leitura, conversa com autores” (Braga, 2020, p. 157). Ainda no campo das políticas públicas e especificamente sobre a chegada da poesia no leitor, a poeta Maria Amélia Dalvi reitera dizendo: “é preciso quebrar a lógica que concentra a produção e circulação de objetos culturais relacionados ao universo letrado na mão de poucos agentes, em poucos polos” (Dalvi, 2020, p. 304).

Já o entrevistado W. B. Lemos, que adota a alcunha “Esperando Leitor”, parte de uma iniciativa individual, de modo a atuar em espaços públicos e privados, “mas em especial nas ruas, ao andarilhar pela cidade” (Lemos, 2020, p. 455). A atuação do escritor se dá de forma direta com qualquer leitor em seu caminho e para fazer com que a literatura chegue de fato a essas pessoas, Lemos distribui “trechos de poemas, dramaturgia, contos, crônicas, romances e ensaios, de autoria de quase duas centenas de escritores, de todas as localidades/ nacionalidades e épocas, desde a Antiguidade à pós-modernidade contemporânea” (Lemos, 2020, p. 455). Com isso, o empenho do escritor visa “belos encontros entre todos os tipos de leitor e os autores” (Lemos, 2020,

p. 455) que marcaram e são referências na escrita de Lemos.

Se por um lado o alcance limitado da poesia em termos de leitores está condicionado aos problemas expostos anteriormente, os autores não negam lançar mão de outros recursos disponíveis para serem lidos. Dessa maneira, a internet se configura como grande aliada à difusão da poesia, isto é, a poesia passa a ocupar cada vez mais o espaço digital, “de modo que o público possa ter um encontro direto com poemas e com poetas falando” (Pucheu, 2020, p. 26). O *corpus* analisado revela o reconhecimento dos entrevistados sobre os impactos que a internet teve e tem dentro do campo da produção, difusão e recepção dos textos literários.

Isso porque, além da “possibilidade de exercer a publicidade de livros impressos” (Nathanailidis, 2020, p. 78), o texto literário publicado no espaço virtual “talvez circule por onde jamais o faria, alcançando uma pessoa num local imprevisível” (Marques, 2020, p. 103). A escritora Marina Moura concorda com seus pares quando diz que “O interessante do digital é que o conteúdo fica lá, disposto, e pode percorrer caminhos inimagináveis, sendo acessado e transmitido por pessoas que não conheceriam o conteúdo se estivesse em outro meio” (Moura, 2020, p. 322). Assim, “O digital é importante porque sustenta (guarda, documenta) e amplia o poder de divulgação” (Moura, 2020, p. 322).

Nesse mesmo sentido, o escritor Rodrigo Caldeira acredita que “a poesia, proporcionalmente, é muito mais lida hoje do que a prosa” (Caldeira, 2020, p. 414). Isso porque, segundo o escritor, uma tentativa de dimensionar a recepção da poesia não pode desconsiderar o “fenômeno de uma geração que lê em outras plataformas mais do que no livro impresso” (Caldeira, 2020, p.

414). Desse modo, as ferramentas disponibilizadas pela internet contribuem positivamente devido à “capilaridade, a velocidade com que se divulga uma obra ou projeto específico” (Guimarães, 2020, p. 94).

Tais propriedades não apenas facilitam a divulgação e alcance, mas também, como afirma o escritor Cesar Carvalho, o virtual garante o “acesso a esse universo e podemos conhecer poetas que jamais conheceríamos se dependêssemos de suas publicações pelas editoras nacionais, ou por meio das escassas informações que nos chegam pelos outros veículos de comunicação” (Carvalho, 2020, p. 109). Desse modo, “Hoje, ajuda muito se o poeta e o crítico estão de algum modo ligados nas redes sociais” (Pucheu, 2020, p. 36). Entretanto, Pucheu faz um alerta quando diz que:

Mesmo que a internet tenha possibilitado um fluxo bem maior no trânsito entre poemas, poetas, críticos, coletivos, performers, oficineiros de poesia e certo grupo, ainda restrito, de leitores, parece-me que, para a poesia ter um alcance maior, seria necessário um empenho público efetivo e eficaz, o que não há a menor chance de acontecer (Pucheu, 2020, p. 35).

Por esse lado, embora a internet seja reconhecida enquanto ferramenta facilitadora, os entrevistados destacam outros agentes que atuam na publicação, divulgação e recepção da poesia no cenário literário atual. O *corpus* analisado reconhece a importância das pequenas editoras e suas respectivas ações que visam a impactar diretamente na recepção da poesia e que escapam, consequentemente, da lógica mercadológica das grandes editoras, uma vez que “As editoras, exceção feita

às valentes pequenas grandes editoras, não têm interesse em publicar poesia, ou ao menos a poesia contemporânea, ou aquela que não se tornou cânone ou clássico” (Guimarães, 2020, p. 93).

Barcellos (2016) elenca uma série de medidas tomadas pelas pequenas e médias editoras na tentativa de ocuparem e contribuírem no cenário da literatura nacional. Mesmo diante das dificuldades, que vão desde o índice expressivo do analfabetismo no Brasil ao acesso do leitor ao livro pelo alto custo do produto final, sendo o alto custo consequência das pequenas tiragens de livros e/ou ainda motivado pelo preço referente à taxa de envio para localidades mais distantes; a falta de agentes literários, isto é, “um profissional de mediação que assume em outros países a função de estabelecer relações de indicação de produção e negociação entre o editor e o autor” (Barcellos, 2016, p. 115), as ações das pequenas e médias editoras não recuam frente às adversidades.

Dessa maneira, sabendo que a “quantidade de pequenas editoras que surgiram nos últimos anos dedicadas à poesia é enorme” (Carvalho, 2020, p. 108), a escritora Mônica de Aquino pontua essa importante atuação quando diz que as editoras “têm papel fundamental para a poesia ao apostarem em autores que não são conhecidos do grande público, incluindo estreantes” (Aquino, 2020, p. 335). Concorda com Aquino o escritor Wilberth Salgueiro, dizendo: “Daí, há editoras, e muito boas editoras (também há as apenas caça-níqueis), que publicam o livro de novatos mediante encomenda” (Salgueiro, 2020, p. 467). Nesse viés, a publicação de novos poetas possibilitada pelo trabalho das pequenas editoras garante a manutenção do panorama da poesia contemporânea nacional.

Soma-se ao esforço das pequenas editoras, o reconhecimento dos entrevistados sobre a atuação das Universidades em relação à recepção da poesia. Segundo Alberto Pucheu, “a universidade pública tem um papel fundamental a cumprir, como, com todas as dificuldades, vem, de algum modo, cumprindo” (Pucheu, 2020, p. 35-36), seja pela oportunidade de constituir um espaço para lançamentos de livros, palestras e círculos de debate sobre poesia que mediam o encontro direto do autor com o leitor, disciplinas ofertadas na grade curricular e, ainda, projetos que visam impactar a sociedade seguindo a lógica de pesquisa, ensino e extensão.

Considerações finais

Através da análise das entrevistas, foi possível constatar, a partir da visão dos escritores, uma percepção unânime sobre a mudança do panorama da recepção da poesia devido ao surgimento e trabalho das pequenas e médias editoras, ao papel da universidade e aos impactos da internet e suas ferramentas que facilitam a publicação, divulgação e alcance da poesia.

Assim, não podemos ignorar que grande parte do público leitor atual tem contato com a poesia por meio do meio digital, no qual o contato do poeta com seu leitor ocorre diretamente através das redes sociais, por exemplo. No entanto, ainda de acordo com a perspectiva dos entrevistados, observa-se uma descrição de um cenário cada vez mais voltado para o consumo do entretenimento em detrimento do literário, carente de medidas provenientes da esfera pública para incentivar a leitura e a recepção da poesia.

Assim, não é possível desconsiderar que grande parte do público leitor, hoje, tem contato com a poesia através do

consumo desta quando inserida no meio digital, suporte no qual o contato do poeta com o seu leitor se dá de forma direta através das redes sociais, a exemplo. Entretanto, ainda pela perspectiva dos entrevistados, nota-se a descrição de um cenário cada vez mais voltado para o consumo do entretenimento em detrimento do literário, carente de medidas que partem da esfera pública visando a incentivar a leitura e a recepção de poesia.

Além disso, o entendimento dos autores daquilo que seria poesia não está restrito a uma estrutura literária fixa. Dessa maneira, as opiniões sobre o alcance da poesia se dão de forma a caracterizar a produção poética na contemporaneidade: a poesia está impregnada em outras manifestações artísticas como a música, as artes plásticas, o pixo etc. Com isso, o consumo e alcance da poesia não estão limitados ao espectro do livro impresso, físico. Assim, é tarefa reconhecidamente complexa definir o que seria poesia e suas características na atualidade e que por esse caráter metamórfico, a produção literária, pela crítica, é, por vezes, considerada amorfa. Isso quer dizer que não há unicidade temática e estética entre a produção dos inúmeros escritores, que divergem e convergem entre si em relação à pergunta que norteou este estudo.

Referências

AQUINO, Mônica de. Entrevista concedida a Letícia Malloy, André Tessaro Pelinser e Vitor Cei em junho de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 330-335.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

BARBOSA, Everton Almeida. Entrevista concedida a Vitor Cei em abril de 2018. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 192-196.

BARCELLOS, Marília de Araújo. Pequenas e médias editoras. In: BARCELLOS, Marília de Araújo. **O sistema literário brasileiro atual:** pequenas e médias editoras. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, f. 103-132.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. **Tópicos de teoria para a investigação do discurso literário.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

BRAGA, Elizeu. Entrevista concedida a Vitor Cei e Erlândia Ribeiro em agosto de 2016. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 156-159.

CALDEIRA, Rodrigo. Entrevista concedida a Vitor Cei em maio de 2018. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 412-415.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: ALDO DE LIMA *et al.*; (Org.). **O direito à literatura.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 11-34.

CARVALHO, Cesar. Entrevista concedida a Vitor Cei em abril de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 107-111.

CARVALHO, Raimundo. Entrevista concedida a Andréia Delmaschio e Vitor Cei em abril de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 376-384.

CAVALCANTE, Rubens Vaz. Entrevista concedida a Vitor Cei, Laura Maria Moreira, Habacuque Amorim e Lucineia Ferreira em maio de 2016. Respostas revistas pelo autor em março de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas.** 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 423-425.

CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020.

CEI, Vitor (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira III**: entrevistas. Vitória: Cousa, 2025.

CHACAL. Entrevista concedida a Vitor Cei em outubro de 2017. Publicada no jornal Rascunho, n. 217, maio de 2018. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 112-113.

COELHO, Haydée Ribeiro. Literatura, crítica e cultura em debate. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira II**: entrevistas. Vitória: Cousa, 2021, p. 07-10.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Trad. Cleonice Paes B. Mourão e Consuelo F. Santiago. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DALVI, Maria Amélia. Entrevista concedida a Vitor Cei e Andréia Delmaschio em março de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 295-305.

FERNANDES, Pádua. Entrevista concedida a Vitor Cei, Aline da Silva Aguiar, Carolina Lobo Aguiar e Pâmela Melo de Souza em junho de 2016. Publicada na revista Igarapé, v. 4, n. 2, 2016. Respostas revistas pelo autor em abril de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 350-354.

FRANCHETTI, Paulo. **Poesia contemporânea e crítica de poesia. Contexto**, Vitória, n. 23, p. 94-112, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8246>>. Acesso em: 01 jan. 2023.

GUIMARÃES, Caê. Entrevista concedida a Vitor Cei em agosto de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 90-97.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético – vol. 1. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético – vol. 2. Trad. Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Telarolli. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, Hans Robert. **O texto poético na mudança de horizonte de leitura**. Trad. Marion S. Hirschmann e Rosane V. Lopes. In: In: COSTA LIMA, Luiz (org.). *Teoria da literatura em suas fontes*: volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 873-926.

KOVAL, Ramona. **Conversas com escritores**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Globo, 2013.

LAGE, Mariana. Entrevista concedida a Vitor Cei em abril de 2018. Publicada na Voz da literatura, n. 14, 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 306-316.

LEMOS, W. B. Entrevista concedida a Vitor Cei entre fevereiro e março de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 452-460.

MARQUES, Casé Lontra. Entrevista concedida a Vitor Cei entre agosto e setembro de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 103-106.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12a ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MOURA, Marina. Entrevista concedida a Vitor Cei em outubro de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 321-326.

NATHANAILIDIS, Andressa Zoi. Entrevista concedida a Vitor Cei em fevereiro de 2017. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 76-79.

OLIVIERI-GODET, Rita. Mapeando a pluralidade da produção literária brasileira. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, pp. 5-6.

PADILHA, Fabíola. Apresentação. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; DELMASCHIO, Andréia (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, pp. 7-9.

PLATÃO. **A República**. Trad. Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PEDROSA, Celia et al. O contemporâneo. In: PEDROSA, Celia et al.; (Org). **Indicionário do contemporâneo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 125-163.

PESSÔA, André Vinícius. A crítica poética da poesia contemporânea brasileira: alguns percursos. In: Congresso Internacional Abralic, XIV, 2015, Belém. *Anais* [...]. Belém: 2015. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1455908526.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2023.

PUCHEU, Alberto. Entrevista concedida a Vitor Cei e Adolfo Oleare em junho de 2019. Publicada na Caliban, junho de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 26-39.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. Entrevista com Gustavo Silveira Ribeiro. Entrevista concedida a Sergio Maciel. *Escamandro*, 2017. Disponível em:<<https://escamandro.com/2017/07/25/intervista-com-gustavo-silveira-ribeiro/>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

ROCHA, David. Entrevista concedida a Andréia Delmaschio e Vitor Cei em maio de 2018. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 137-143.

SALGUEIRO, Wilberth. Entrevista concedida a Andréia Delmaschio e Vitor Cei em fevereiro de 2019. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 461-469.

SALGUEIRO, Wilberth. Notícia da atual poesia brasileira – dos anos 1980 em diante. *O eixo e a roda*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 15-38, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17851/2358-9787.22.2.15-38>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Ana Claudia; PAZ, Ravel. Observações sobre a aplicação da Metodologia da Estética da Recepção a Helena, de Machado de Assis. **REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários**, Vitória, ano 10, n. 14, pp. 1-17, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/index.php/reel/article/view/11085>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, Marcela Verônica; ARAÚJO, Rita de Cássia Lmino de. A Estética da Recepção e sua aplicabilidade pelo Método Receptacional: uma apresentação de Machado de Assis. *Fronteiraz*, São Paulo, n. 14, p. 111-122, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/fronteiraz/article/view/22431>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. In: SISCAR, Marcos. **Poesia e crise**. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2010, p. 149-167. SODRÉ, Paulo Roberto. Entrevista concedida a Andréia Delmaschio e Vitor Cei entre julho e agosto de 2018. In: CEI, Vitor; PELINSER, André Tessaro; MALLOY, Letícia; (Org.). **Notícia da atual literatura brasileira**: entrevistas. 2a ed. Vitória: Cousa, 2020, p. 365-372.